

HUMANAS E SOCIAIS

V.10 • N.2 • 2024 • Fluxo Contínuo

ISSN Digital: 2316-3801

ISSN Impresso: 2316-3348

DOI: 10.17564/2316-3801.2024v10n2p156-170



COMPORTAMENTOS DE RISCO EM ESTAGIÁRIOS DA SAÚDE DE UMA UNIVERSIDADE BRASILEIRA

RISK BEHAVIORS IN HEALTH TRAINEES
AT A BRAZILIAN UNIVERSITY

CONDUCTAS DE RIESGO EM PASANTES DE
SALUD EN UNA UNIVERSIDAD BRASILEÑA

Juliana Carline Abreu Martins Costa¹
Eloisa da Graça do Rosário Gonçalves²

Líscia Divana Carvalho Silva³

Érica Brandão de Moraes⁴

Patrícia Ribeiro Azevedo⁵

José Aquino Junior⁶

RESUMO

Comportamentos de risco podem ser considerados como potencialmente capazes de ameaçar à saúde e reduzir a qualidade de vida. Estudo transversal, quantitativo com objetivo de verificar comportamentos de risco em estagiários da saúde de uma universidade brasileira, realizado em setembro a dezembro de 2020. A amostra foi composta de 31 universitários dos cursos de medicina, enfermagem, educação física, farmácia e odontologia. Utilizou-se o *Youth Risk Behavior Survey* (YRBS). Verificou-se associação dos comportamentos de risco pelos testes qui-quadrado e Pearson. Obteve-se associação entre idade e comportamento de risco de andar de motocicleta sem a utilização de capacete ou uso raramente ($pX^2 = 0,43$) para o sexo masculino ($pX^2 = 0,37$). Obteve-se 25,8% da amostra que pensou seriamente em cometer suicídio e 16,1% planejaram o suicídio. A faixa etária de 29 a 30 anos 10 (33,3%) afirmou tentativa de suicídio, 1 vez, sendo referida por 50,0% dos estagiários de educação física ($pX^2 = 0,046$ e $pX^2 = 0,004$). O comportamento de risco associado à prática sexual foi significativo entre 29 a 30 anos e 10 (33,3%) afirmou ter relação com 6 pessoas ou mais no curso de educação física, mesmo com o isolamento social da covid-19 ($pX^2 = 0,03$). Houve afirmação de relação sexual com mais de 2 pessoas em todos os cursos da amostra. Obteve-se associação da cor e agravamento da covid-19 com ocorrência de confirmação por profissional da saúde e tipo de testagem. O estudo evidencia que os universitários são vulneráveis a comportamentos de risco o que aponta para um futuro preocupante.

PALAVRAS-CHAVE

Promoção de Saúde. Fatores de Risco. Estudantes.

ABSTRACT

Risk behaviors can be considered as potentially capable of threatening health and reducing quality of life. This is a cross-sectional, quantitative study aimed at verifying risk behaviors in health interns at a Brazilian university, carried out from September to December 2020. The sample consisted of 31 university students from the courses of medicine, nursing, physical education, pharmacy and dentistry. The *Youth Risk Behavior Emerge* (YRBS) was used. Risk behaviors were associated by the chi-square and Pearson tests. There was an association between age and risk behavior of riding a motorcycle without the use of a helmet or rarely ($pX2 = 0.43$) for males ($pX2 = 0.37$). A total of 25.8% of the sample seriously considered committing suicide and 16.1% planned suicide. The age group of 29 to 30 years 10 (33.3%) reported suicide attempt 1 time, being reported by 50.0% of the physical education trainees ($pX2 = 0.046$ and $pX2 = 0.004$). Risk behavior associated with sexual practice was significant between 29 and 30 years old and 10 (33.3%) reported having sex with 6 or more people in the physical education course, even with the social isolation of covid-19 ($pX2 = 0.03$). There was a statement of sexual intercourse with more than 2 people in all courses in the sample. There was an association between the color and worsening of covid-19 with the occurrence of confirmation by a health professional and type of testing. The study shows that university students are vulnerable to risky behaviors, which points to a worrying future.

KEYWORDS

Health promotion; risk factors; students.

RESUMEN

Las conductas de riesgo pueden considerarse potencialmente capaces de amenazar la salud y reducir la calidad de vida. Se trata de un estudio transversal, cuantitativo, con el objetivo de verificar comportamientos de riesgo en pasantes de salud de una universidad brasileña, realizado entre septiembre y diciembre de 2020. La muestra estuvo constituida por 31 estudiantes universitarios de las carreras de medicina, enfermería, educación física, farmacia y odontología. Se utilizó la *Encuesta de Conductas de Riesgo Juvenil* (YRBS). Las conductas de riesgo se asociaron mediante las pruebas de chi-cuadrado y

Pearson. Hubo asociación entre la edad y las conductas de riesgo de conducir una motocicleta sin el uso del casco o raramente ($pX2 = 0,43$) para los hombres ($pX2 = 0,37$). El 25,8% de la muestra se planteó seriamente suicidarse y el 16,1% planeó suicidarse. El grupo etario de 29 a 30 años 10 (33,3%) reportó intento de suicidio 1 vez, siendo reportado por 50,0% de los estudiantes de educación física ($pX2 = 0,046$ y $pX2 = 0,004$). Las conductas de riesgo asociadas a la práctica sexual fueron significativas entre los 29 y 30 años y 10 (33,3%) refirieron tener relaciones sexuales con 6 o más personas en el curso de educación física, incluso con el aislamiento social de covid-19 ($pX2 = 0,03$). Hubo declaración de relaciones sexuales con más de 2 personas en todos los cursos de la muestra. Hubo una asociación entre el color y el empeoramiento de la covid-19 con la ocurrencia de confirmación por parte de un profesional de la salud y el tipo de prueba. El estudio muestra que los estudiantes universitarios son vulnerables a conductas de riesgo, lo que apunta a un futuro preocupante.

PALABRAS CLAVE

Promoción de la salud. Factores de riesgo. Estudiantes.

1 INTRODUÇÃO

Apesar do rápido processo de envelhecimento, o Brasil possui atualmente o maior contingente populacional jovem de sua história, respondendo por mais de um terço da população de 15 a 24 anos da América Latina. Para fins de análise, vale destacar dois subgrupos: o subgrupo de 20 a 24 anos de idade, “jovens adultos” e o subgrupo de 15 a 19 anos de idade, “jovens adolescentes” (Machado, 2020).

O ingresso na universidade é marcado por mudanças significativas para muitos jovens. Dentre alguns desafios enfrentados, nesta etapa de suas vidas, estão a adaptação a novos saberes, a exigência de autonomia, a responsabilização no processo de construção do conhecimento, e as expectativas quanto à inserção no mercado de trabalho já nos últimos anos da universidade. Aliado a esses fatores, para uma parcela significativa de estudantes, as dificuldades financeiras podem também perpassar as diferentes etapas ao longo do processo de formação (Oliveira *et al.*, 2020).

Uma instituição de ensino superior é marcada pela constante interação com seu próprio sistema de gestão institucional e suas influências com o contexto social; trata-se de uma relação mútua, suas ações influenciam a comunidade local e a sociedade como um todo, caracterizando-o como um sistema efetivo e dinâmico, tendo como prisma a produção de conhecimento, progresso e desenvolvimento socioeconômico. Assim, uma formação de qualidade vai muito além de uma visão especialista e limitada às competências técnicas requeridas para a ocupação de postos de trabalhos específicos (Oliveira, 2021).

Para capacitar o futuro egresso a estabelecer conexões entre teoria, prática e vivência no contexto social, juntamente com as suas competências profissionais e habilidades crítico-reflexivas é preci-

so que estas estejam sintonizadas com seu papel de cidadão consciente e responsável, conhecedor de seus direitos e deveres na sociedade enquanto ser humano e inserido num contexto social mais amplo (Oliveira, 2021). Dessa forma, para que se promova um bem estar social do universitário, é necessário que o ambiente esteja preparado para acolher esse ser humano, tanto quanto a estrutura física, como em políticas sociais e de saúde que garantam uma efetividade do ensino e permanência, conclusão do curso, sem a geração de danos e qualidade de vida (Monteiro, 2020; Ribeiro, 2020).

Comportamentos de risco são considerados como potencialmente capazes de ameaçar à saúde e reduzir a qualidade de vida do indivíduo, colocando-o em risco. A identificação de comportamentos de risco é um dos principais desafios quando se quer melhorar a saúde e qualidade de vida. É evidente que muitos desses comportamentos não são modificáveis, mas outros podem sê-lo e, conseqüentemente, deve-se dar especial ênfase à sua identificação para, assim, orientar os principais esforços na adoção de hábitos de vida saudáveis e prevenção de doenças (Brenner *et al.*, 2013; Zappe; Dell'aglio, 2016).

A piora da qualidade de vida pode estar relacionada ao aumento de atividades de estágios curriculares nos últimos anos, principalmente, em cursos da área da saúde, considerados extenuantes. A transição do ser estudante para o ser profissional por meio das intensas atividades de estágio exige dos universitários maiores responsabilidades, assim como a adoção de novos hábitos e comportamentos, o que pode influenciar negativamente na sua saúde (Parol; Bittencourt, 2013), desenvolvendo problemas metabólicos, cardiovasculares, psicológicos e outros, principalmente se o universitário não receber o apoio necessário (Gasparotto, *et al.*, 2013; Rodrigues, 2021).

O Ministério da Educação por meio da Portaria nº 343 publicada em 17 de março de 2020 suspendeu as aulas presenciais, inclusive as práticas e estágios hospitalares, enquanto durasse a situação de pandemia do novo coronavírus, substituindo-as por aulas em meios digitais, o que implicou em readequação das instituições universitárias, na tentativa da manutenção do ensino na graduação, ainda que cada instituição de ensino avaliasse a situação infecciosa local para adequação dessas medidas (Brasil, 2020).

Na pandemia por Covid-19 vivenciou-se experiências negativas, como adoecimento, morte, isolamento social, incerteza, medo e narrativas falsas. A ocorrência de informações falsas (*fake news*) está diretamente relacionada ao contexto atual da sociedade e aos aspectos culturais, sociais, educacionais, tecnológicos e políticos e como conseqüências houve desinformação, automedicação, descrédito nas condutas profissionais e piora da relação terapêutica o que dificultou o entendimento e esclarecimento da sociedade sobre questões relacionadas a saúde (Barreto *et al.*, 2021).

A saúde de um estudante é, portanto, uma questão atual que precisa ser analisada. Acredita-se que investigar comportamentos de risco a saúde entre universitários pode favorecer reflexões, oportunizar desenvolvimento de políticas associadas, efetividade do ensino, conclusão do curso sem a geração de danos, redução do adoecimento e melhoria da qualidade de vida. Assim, este estudo tem como objetivo verificar comportamentos de risco em estagiários da saúde de uma universidade brasileira.

2 MÉTODO

Estudo transversal quantitativo realizado em estagiários dos cursos de Enfermagem, Educação física, Farmácia, Medicina e Odontologia do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), São Luís- Maranhão, Brasil.

A coleta ocorreu nos meses de setembro a dezembro de 2020 por meio da plataforma digital *Google Forms*. Participaram do estudo 31 estagiários, sendo 13 do curso de enfermagem, 7 do curso de odontologia, 5 do curso de medicina, 4 do curso de farmácia e 2 do curso de educação física. O curso de nutrição não obteve participantes, pois não haviam discentes em estágio durante o período da coleta.

Os critérios de inclusão foram estagiários regularmente matriculados no último ano dos referidos cursos que concordaram em participar do estudo. Não foram incluídos aqueles ausentes das atividades universitárias, que não responderam ao questionário após três tentativas de aplicação, por meio de contato direto, por e-mail e mensagens de *whatsApp* e alunos do curso de nutrição, que até o momento da coleta de dados não se encontravam em estágio curricular.

Os dados foram coletados por meio do questionário *Youth Risk Behavior Survey* (YRBS) que tem como objetivo avaliar comportamentos de risco. O YRBS é um instrumento de autorresposta desenvolvido nos Estados Unidos pelo *Center for Disease Control and Prevention* (CDC) e validado em vários países, inclusive no Brasil (Brenner *et al.*, 2004). Para análise dos dados foi realizada aplicação de estatísticas descritivas e para estabelecer os fatores de risco associados à adoção de comportamento indesejado utilizou-se os testes qui-quadrado e de *Pearson*. Para o processamento de dados foi utilizado o pacote estatístico *Statistical Package for the Social Sciences 10* (SPSS c, versão 22).

Os aspectos éticos referentes à pesquisa com seres humanos foram respeitados como determina a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2012). O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário da UFMA nº 3.624.872 em 07/10/2019.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Observou-se predominância do sexo feminino, faixa etária 23 a 25 anos e cor/etnia autorreferida branca. Outras pesquisas apresentaram médias etárias de 22,8 a 25,3 anos. O sexo feminino pode ser justificado pela própria formação histórica dos cursos da área de saúde, em que a inserção de homens é ainda baixa (Pires; Mussi, 2016; Junior, 2015; Nogueira, 2014).

Identificou-se associação das características sociodemográficas com a variável de comportamento de risco segurança pessoal (uso de capacete ao andar de motocicleta), com predominância para o sexo masculino ($pX^2 = 0,37$) nos cursos de farmácia e educação física com $pX^2 = 0,007$, conforme a Tabela 1.

Tabela 1 – Análise bivariada entre o bloco segurança pessoal e variáveis sexo e curso em estagiários dos Cursos de Saúde da UFME, São Luís, MA, 2020

Variável	Bloco 1 – Segurança Pessoal									
	Item 1: Quando você andou de motocicleta nos últimos 12 meses, com que frequência você usou capacete?									
Sexo	% R1	% R2	% R3	% R4	% R5	% R6	δ	p δ	X ²	pX ²
Masculino	66,6	11,1	*	*	*	22,2	5,4	0,2	4,3	0,3
Feminino	54,5	*	*	*	9,0	27,2				
Curso	% R1	% R2	% R3	% R4	% R5	% R6	δ	p δ	X ²	pX ²
Enfermagem	53,8	*	*	*	15,3	30,7	19,9	0,2	32,9	0,07
Odontologia	71,4	*	*	*	*	28,5				
Farmácia	25,0	*	50,0	*	*	25,0				
Medicina	80,0	*	*	*	*	20,0				
Educação Física	50,0	50,0	*	*	*	*				

Nota: R1 - Eu não andei de motocicleta nos últimos 12 meses; R2 - Nunca usei capacete; R3 - Raramente usei capacete; R4 - Algumas vezes usei capacete; R5 - Na maioria das vezes usei capacete; R6 - Sempre usei capacete; * - não foram obtidas respostas para o parâmetro; X² – qui quadrado de Pearson; – qui-quadrado; p – valor de p; a – valor de p superior a 0,05 (sem associação significativa). Fonte: elaboração própria.

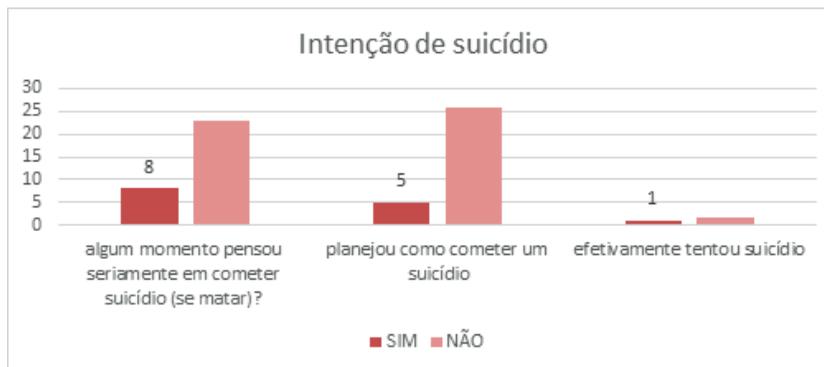
Estima-se que ocorram no Brasil, uma morte a cada 15 minutos, por acidente de trânsito, tendo entre 1998 e 2018, sido registrados 734.938 óbitos por acidentes (MS, 2019). Estudos apontam que o fator humano é o mais relevante para a causa de colisões de trânsito, destacando-se os seguintes elementos: busca de sensações, sentimentos negativos, falta de atenção, excesso de autoconfiança, nível de risco elevado, personalidade (De Lima; Santos; Maia, 2021), corroborando a necessidade dos jovens de assumirem tais comportamentos de risco, no intuito do prazer e sensações que tal ato proporciona. Destaca-se que o estado físico-fisiológico, estado mental e emocional e a experiência em dirigir estão diretamente ligados à possibilidade do aumento no risco da ocorrência de um acidente de trânsito.

No que se refere à análise bivariada entre o bloco sentimento de tristeza e intenção de suicídio, foi encontrada associação das variáveis idade e curso com o item 4. No que se refere a idade, na faixa etária de 29 a 30 anos 33,3% afirmaram que durante os últimos 12 meses, efetivamente tentaram suicídio, 1(uma) vez. Quando se considera o curso de graduação esta resposta foi referida por 50,0% dos alunos do curso de educação física, com associação respectivamente de p= X² 0,046 e p =X² 0,004.

Vale ressaltar em relação aos resultados referentes ao bloco 3, não houve relação bivariada significativa, mas que merece destaque e atenção, principalmente da sociedade acadêmica, assim como dos

docentes e gestores de intuições educacionais. Destaca-se o aumento gradativo de comportamento relacionado a suicídio, como demonstrado isoladamente (gráfico 1), onde 25,8% (n=8) da amostra afirmou “pensa seriamente em cometer suicídio”, 16,1% (n=5) “planejou cometer suicídio”, tendo a tentativa efetiva de uma pessoa, ou seja, 3,2% (n=1).

Gráfico 1 – Comportamento de sentimento de tristeza e intenção de suicídio em estagiários dos Cursos de Saúde da UFMA, São Luís, MA, 2020



Fonte: elaboração própria.

É visível o crescimento de jovens com queixas psicológicas e até mesmo com finais trágicos, a exemplo, um estudo com universitários no oeste paulista mostrou que 78,8% possuem humor depressivo, 43,6% queixas para relações afetivas, 41,2% para relações familiares, 41,2% para ansiedade, 40,0% para relações sociais, 38,8% para dificuldades acadêmicas, 13,3% para oscilações do humor e 11,5% para espectro suicida (Rondina; Piovezani; Oliveira; Martins, 2018), explicitando a acentuada dificuldade sobre os sentimentos desta população com potencialidade para influenciar no aumento de comportamento suicida (Gomes; Silva, 2020).

Nenhum fator isolado é suficiente para explicar por que uma pessoa morre por suicídio, o comportamento suicida é um fenômeno complexo que é influenciado por vários fatores de interação pessoal, social, psicológico, cultural, biológico e ambiental. Estudo identificou cinco fatores de risco para ideação suicida entre os universitários, a saber: uso de psicotrópicos, tentativa de suicídio prévia, comportamento autolesivo não suicida, uso abusivo de álcool e morar em grande centro urbano. É importante pensar que essas dificuldades devem ser tratadas, evitando a evolução dos casos para ideação suicida ou outras complicações na saúde mental desses estudantes. Faz-se necessário desenvolver programas não só para prevenção do suicídio, mas também dos comportamentos autolesivos (Machado *et al.*, 2020)

Chama a atenção o gráfico 1, que apresenta um total de oito (8) estagiários que podem estar nesse processo, havendo a necessidade de um melhor rastreio de universitários com queixas ocultas psicológicas ou mesmo que estejam ao ponto de desencadearem uma ideia suicida, evitando-se que tal sentimento evolua para final catastrófico, visto que o ambiente universitário deveria ser um local promissor de sonhos, e não um gatilho para ideias que findam a vida.

Verificar a existência de ideias de morte, ideias de suicídio, desejo de suicídio, intenção de suicídio, planejamento de suicídio e tentativa de suicídio possibilita a prevenção da consumação do fim da vida por suicídio (Gomes; Silva, 2020). Observou-se níveis considerados altos de ansiedade, estresse e depressão significativamente superior no período de atividades remotas em comparação as atividades presenciais e identificou-se que após período de quarentena os universitários apresentaram efeitos psicológicos negativos como raiva, confusão e estresse pós-traumático (Maia; Dias, 2020).

A prevalência de pensamentos suicidas entre os universitários é considerada alta e quanto mais intensa é a ideação suicida, menor o rendimento acadêmico. Esses dados trazem preocupantes reflexões que vão desde a escolha do curso, a entrada na universidade, as relações que ali se estabelecem e as exigências do próprio ambiente acadêmico. Acrescenta-se que o espaço universitário possibilita novas descobertas e vínculos afetivos e relacionais, bem como participação em círculos sociais por meio de festas. Entretanto, para ser aceito nesse meio, é comum que jovens universitários adotem posturas vulneráveis como o uso de álcool, tabaco e outras drogas (Veloso *et al.*, 2019).

Quando avaliado o comportamento de risco associado à prática sexual foi encontrado relação significativa entre as variáveis idade e curso com o item 4 – Durante os últimos 3 meses, com quantas pessoas diferentes você teve relação sexual? A Tabela 3, no bloco 8, apresenta comportamento de risco associado ao número de parceiro, sendo que (10) 33,3% da amostra de 29 a 30 anos afirmou ter relação com 6 pessoas ou mais (TABELA 3). Fato que chama atenção por ter se tratado de um período pandêmico, em isolamento social, sendo tal comportamento associado ao curso de educação física quando realizado a associação do qui-quadrado de Pearson (pX^2 0,03). Houve relato de relação sexual com mais de 2 pessoas em todos os cursos da amostra.

Tabela 3 – Análise bivariada entre o bloco comportamento sexual e variáveis idade e curso em estagiários dos Cursos de Saúde da UFMA, São Luís, MA, 2020

Variável	Bloco 8 - Comportamento sexual											
	Item 4: Durante os últimos 3 meses, com quantas pessoas diferentes você teve relação sexual?											
Idade	% R1	% R2	% R3	% R4	% R5	% R6	% R7	% R8	\bar{d}	$p\bar{d}$	X2	pX2
≤ 22 anos	*	33,33	*	66,67	*	*	*	*				
23 a 25 anos	10,00	30,00	45,0	*	10,00	5,0	*	*				
26 a 28 anos	*	*	100,00	*	*	*	*	*	26,43	0,33	36,70	0,04
29 a 30 anos	*	33,33	33,3	*	*	*	*	33,33				
31 anos	*	*	100,00	*	*	*	*	*				

Variável	Bloco 8 - Comportamento sexual											
	Item 4: Durante os últimos 3 meses, com quantas pessoas diferentes você teve relação sexual?											
Idade	% R1	% R2	% R3	% R4	% R5	% R6	% R7	% R8	δ	p δ	X2	p X2
Enfermagem	*	30,77	61,5	7,69	*	*	*	*				
Odontologia	14,29	42,86	28,5	*	*	14,29	*	*				
Farmácia	25,00	*	50,0	25,00	*	*	*	*	29,27	0,20	36,60	0,03
Medicina	*	20,00	60,0	*	20,00	*	*	*				
Educação Física	*	*	*	*	50,00	*	*	50,00				

Nota: R1 – Eu nunca tive relação sexual; R2 – Eu já tive relação sexual, mas não durante os últimos 6 meses; R3 – 1 pessoa; R4 – 2 pessoas; R5 – 3 pessoas; R6 – 4 pessoas; R7 – 5 pessoas; R8 – 6 pessoas ou mais pessoas * - não foram obtidas respostas para o parâmetro; X2 – qui quadrado de Pearson; – qui-quadrado; p – valor de p; a – valor de p superior a 0,05 (sem associação significativa).

Fonte: elaboração própria.

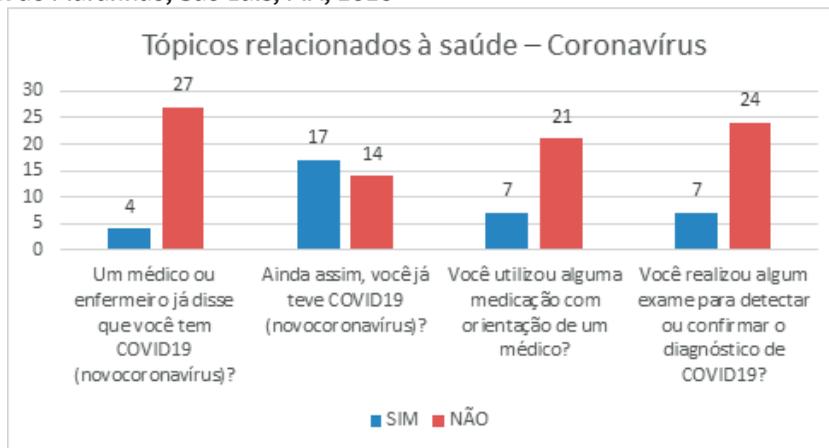
A prática de sexo seguro com o uso de métodos contraceptivos e de prevenção de infecções sexualmente transmissíveis (IST) quando relacionada ao sexo, área de curso e estado, não apresentou associação. O percentual de estagiários que sempre praticam sexo seguro é de 55,7%, o que é preocupante visto que pouco menos da metade ainda se arriscam praticando sexo não seguro e todos os prejuízos que podem acontecer com esse comportamento, expondo-se a doenças infectocontagiosas e a gravidez indesejada (Silveira, 2021).

Um estudo que buscou descrever a relação do comportamento sexual de risco e conhecimento sobre IST em universitários da saúde demonstrou que a maioria eram mulheres, média de idade de 24,4 anos, hábitos de vida saudáveis, com 1 a 3 parceiros sexuais, início da vida sexual com média de idade 16,6 anos, utilizam preservativo e pílula como principal método contraceptivo, apenas as mulheres afirmaram já ter contraído alguma IST (Gomes *et al.*, 2021).

Outro estudo revela não houve diferença significativa entre grupos com comportamento de risco e sem risco no conhecimento das doenças. O uso de preservativo entre os estagiários em todas as relações foi de 19,2% em mulheres e 3,9% em homens. Quando questionados sobre a utilização de preservativos na última relação 14,4% das mulheres utilizaram o preservativo, 3,41% afirmam a utilização como método contraceptivo. Aqueles que contraíram IST foram 2,07% das mulheres, destas 100% fizeram tratamento. Quanto à realização de exames sorológicos em consultas de rotina o percentual foi o mesmo para teste rápido de HIV e hepatites/VDRL, 62%, retratando um cenário de atenção, apesar do conhecimento da população em ambos os estudos, o comportamento de risco se manteve, sendo expostos a IST (Gräf; Mesenburg; Fassa, 2020)

Devido a ocorrência da pandemia da Covid-19, o item 5 relacionado a saúde foi adaptado, obteve associação da cor/etnia com a ocorrência da informação sobre a pandemia, com (5) 16,6% (brancos), (4) 14,2 (negros), 100%(indígena), confirmaram o item, onde “um médico ou enfermeiro já disse que você tem/teve Covid-19 (novocoronavírus)?” O item refere-se à relação de procura desse profissional em busca de uma informação técnica.

Gráfico 2 – Comportamento relacionados à saúde em estagiários dos Cursos de Saúde da Universidade Federal do Maranhão, São Luís, MA, 2020



Fonte: elaboração própria.

Ao se observar o Gráfico 2, isoladamente, nota-se um comportamento de risco relacionado a transmissão e /ou agravamento da covid-19, devido ao fato de apesar apenas quatro estagiários terem a confirmação por um profissional da saúde e apenas sete terem realizado algum tipo de testagem, quando comparado ao número de estagiários que afirmam que tiveram a covid-19.

Barbosa *et al.* (2020) observaram em pesquisa que 79% dos docentes não receberam nenhum suporte financeiro das instituições em que atuam para adquirir o equipamento necessário para a oferta das aulas remotas. Carneiro *et al.* (2020) relata que um dos grandes desafios é o acesso à internet, que apesar de estar presente em 67% dos domicílios brasileiros muitas vezes não é de alta velocidade. Dados da pesquisa Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC) mostrou que 92% da classe média está conectada. No entanto, apenas 48% da população de baixa renda têm algum tipo de acesso à Internet, quase sempre via celular (CIP, 2019). Couto *et al.* (2020) alertam que com a conexão lenta e instável, muitos universitários sequer conseguiram estudar, ampliando a desigualdade educacional entre as classes sociais.

Um fato importante que se deve atentar é que no Brasil, os dados revelam número crescente de estudantes que abandonam as universidades. Um levantamento feito pelo Datafolha/C6 Bank, indicou que 8,4% dos estudantes com idade entre 6 e 34 anos abandonaram a escola durante a pandemia. Esses números correspondem a cerca de 4 milhões de estudantes. A taxa de abandono foi de 10,8%

no ensino médio e 16,3% no ensino superior. A pesquisa foi realizada entre os dias 30 de novembro e 9 de dezembro de 2020. As principais razões apontadas pelos universitários foram a falta de dinheiro para pagar as mensalidades, no caso das instituições privadas, e precariedade na oferta do ensino remoto, no caso das instituições públicas (Saldaña, 2021).

4 CONCLUSÃO

Predominou universitários do sexo feminino 22 (70,9%), faixa etária 23 a 25 anos 20 (60,5%) e cor auto-referida branca 12 (38,7%). Obteve-se uma associação entre idade e comportamento de risco de andar de motocicleta sem a utilização de capacete ou uso raramente ($p X^2 = 0,43$), com predominância para o sexo masculino ($pX^2 = 0,37$). Os cursos que apresentaram maior comportamentos de risco foram de farmácia e educação física com $pX^2 = 0,007$.

A faixa etária de 29 a 30 anos 10 (33,3%) afirmou que efetivamente tentaram suicídio, 1(uma) vez, sendo referida por 50,0% dos alunos do curso de educação física. Obteve-se 8 (25,8%) da amostra afirmou que “pensou seriamente em cometer suicídio” e 5 (16,1%) “planejou cometer suicídio”, tendo a tentativa efetiva 1 (3,2%). Há necessidade de um melhor rastreamento de universitários com queixas ocultas psicológicas e ideação suicida, evitando-se que tal sentimento evolua para final catastrófico, visto que o ambiente universitário deveria ser um local promissor de sonhos, e não um gatilho para ideias que findam a vida.

Em relação à prática sexual foi encontrado relação significativa entre as variáveis idade de 29 a 30 anos, 10 (33,3%) afirmou ter relação com 6 pessoas ou mais no curso de educação física com associação do qui-quadrado de Pearson ($pX^2 = 0,03$). Houve afirmação de ter relação sexual com mais de 2 pessoas em todos os cursos da amostra. Fato que chama atenção por se tratar de um período pandêmico, onde estavam em isolamento social. Obteve-se associação da cor/etnia com a ocorrência da informação sobre a pandemia covid-19 e comportamento de risco relacionado a transmissão da doença e /ou agravamento.

O estudo evidencia que os universitários são vulneráveis a comportamentos de risco com destaque para a direção irresponsável de motocicleta, sentimento de tristeza com ideação suicida e prática sexual não segura, aos quais apontam para um futuro preocupante. Uma limitação do estudo se refere ao tamanho da amostra pelo período pandêmico vigente, o que pode dificultar a generalização dos achados.

REFERÊNCIAS

BARRETO, M. *et al.* Fake news sobre a pandemia da COVID-19: percepção de profissionais de saúde e seus familiares. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 55, p. e20210007, 2021.

BRASILa. **Sistema de Informações sobre Mortalidade** – SIM. Disponível em: <http://www2.datasus.gov.br>. Acesso em: 17 ago. 2018.

BRASILb. Plenário do Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Publicada no **DOU** nº 12 – quinta-feira, 13 de junho de 2013 – Seção 1 – Página 59. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acesso em: 9 ago. 2018.

BRENER, N. D. *et al.* Methodology of the youth risk behavior surveillance system. 2013. **Morbidity and Mortality Weekly Report: Recommendations and Reports**, v. 62, n. 1, p. 1-20, 2013.

CARNEIRO, A. L. M. *et al.* Padrão do uso de álcool entre estudantes universitários da área da saúde. **Revista de Enfermagem Centro Oeste Mineiro**, v. 4, n. 1, p. 940-950, 2014.

CIP. Dados Internacionais de Catalogação na Publicação. **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros: TIC Domicílios 2019**, Survey on the use of information and communication technologies in Brazilian households: ICT Households 2019 (ed.). Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2020.

DE LIMA, J. H.; DOS SANTOS, A. M. A.; MAIA, M. L. A. Modelo LOGIT com fatores sociais para gravidade de acidentes com motocicletas. **Transportes**, v. 29, n. 1, p. 278-289, 2021.

DE MELO COSTA, S. *et al.* Identificação de maus-tratos entre acadêmicos de saúde. **Revista da Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba**, v. 19, n. 3, p. 133-138, 2017.

GASPAROTTO, G. S. *et al.* Fatores de risco cardiovascular em universitários: comparação entre sexos, períodos de graduação e áreas de estudo. **Medicina**, v. 46, n. 2, p. 154-163, 2013.

GOMES, C. F. M.; DA SILVA, D. A. Aspectos epidemiológicos do comportamento suicida em estudantes universitários. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 5, p. e38953106-e38953106, 2020.

GOMES, L. B. *et al.* Conhecimento científico sobre HIV/AIDS entre estudantes universitários. **Revista Recien-Revista Científica de Enfermagem**, v. 11, n. 34, p. 119-127, 2021.

GRÄF, D. D.; MESENBURG, M. A.; FASSA, A. G. Comportamento sexual de risco e fatores associados em universitários de uma cidade do Sul do Brasil. **Revista de Saúde Pública**, v. 54, p. 41, 2020.

INEP. **Censo da Educação Superior 2017 - Notas Estatísticas, 2017**. Brasília: INEP/Ministério da Educação, 2017. Disponível em: http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2018/notas_sobre_o_censo_da_educacao_superior_2018.pdf. Acesso em: 20 jun. 2018.

JUNIOR, G. A.; DE MENESES GAYA, C. O uso de droga associado ao comportamento de risco universitário. **Saúde e Pesquisa**, v. 8, p. 9-17, 2015.

MACHADO, Christiane Monteiro. **Estereótipos e novos retratos do envelhecimento na publicidade: marcas brasileiras e o desafio de criar identificação com o público da terceira idade.** 2020.

MONTEIRO, B. M. M.; SOUZA, J. C. Saúde mental e condições de trabalho docente universitário na pandemia da COVID-19. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 9, p. e468997660-e468997660, 2020.

NOGUEIRA, A. P. *et al.* O estilo de vida dos universitários da Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da UFAM. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, 2014.

PAROL, C. A.; BITTENCOURTI, Z. Z. L. Qualidade de vida de graduandos da área de saúde. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 3, n. 365-75, 2013.

OLIVEIRA, E. S. Estresse e comportamentos de risco à saúde entre estudantes universitários. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 73, n. 1, e20180035, 2020.

OLIVEIRA, S. R. Estudos sobre acompanhamento de egressos em Instituições de Ensino Superior. **Revista de Casos e Consultoria**, v. 12, n. 1, e26052, 2021.

PIRES; MUSSI, 2016. Excesso de peso em universitários ingressantes e concluintes de um curso de enfermagem. **Escola Anna Nery**, v. 20, n. 4, 2016.

RIBEIRO, J. S. C.; DOS SANTOS MILHOMEM, M. S. F. A extensão universitária em tempos de pandemia: a proex/uft no enfrentamento da covid-19. **Capim Dourado: Diálogos em Extensão**, v. 3, n. 2, p. 22-29, 2020.

RONDINA, R. C. *et al.* Quejas psicológicas y consumo de drogas en universitarios atendidos en un servicio de salud. **SMAD – Revista eletrônica saúde mental álcool e drogas**, v. 14, n. 2, p. 99-107, 2018.

SALDAÑA, P. Cerca de 4 milhões abandonaram a estudos na pandemia, diz estudo. **Folha de São Paulo**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2021/01/cerca-de-4-milhoes-abandonaram-estudos-na-pandemia-diz-pesquisa.shtml>. Acesso em: 20 jun. 2018.

SILVA, S. A; MATOS, E. S. Influência da Pandemia da Covid-19 na Qualidade de Vida de Estudantes Universitários. **Revista Psicologia e Saúde**, v. 14, n. 4, p. 143–151, out./dez. 2022.

SILVEIRA, J. P. **Estilo de vida em universitários do Sul do Brasil e a influência da pandemia da COVID-19**. 2021. TCC (Bacharelado em Educação Física) – Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2021.

VELOSO, L. U. P. Ideação suicida em universitários da área da saúde: prevalência e fatores associados. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 40, n. 40, p. e20180144, 2019.

1 Mestra em Saúde e Ambiente, Universidade Federal do Maranhão – UFMA. E-mail: jucaline12@gmail.com

2 Doutora em Medicina Tropical; Professora da Universidade Federal do Maranhão – UFMA e do Programa de Pós-graduação em Saúde e Ambiente – UFMA.
E-mail: eloisa.goncalves@ufma.br

3 Doutora em Ciências, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo – EERP-USP e em Geografia; Mestra em Enfermagem, Universidade Federal do Ceará – UFC; Especialista em Cardiologia na Modalidade de Residência em Enfermagem, Instituto Dante Pazzanese de Cardiologia – IDPC e em Administração Hospitalar, Instituto Brasileiro de Pesquisa Hospitalar (IPH); Graduada em Enfermagem, Universidade Federal do Maranhão – UFMA; Licenciada em Higiene, Enfermagem e Programa de Saúde no 1 e 2 graus – UFMA; Professora Adjunto IV do Departamento de Enfermagem, Universidade Federal do Maranhão – UFMA, da Graduação e Pós-Graduação da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e do Programa de Pós-graduação em Enfermagem - Mestrado – UFMA; Membro do Grupo de Estudo, Pesquisa e Extensão em Saúde do Adulto – GEPSA e do Grupo de Habilidades Psicomotoras para o Cuidado – HPPC; Vice-coordenadora do Programa Educacional de Enfermagem em Dor Crônica – PEEDC; Tem experiência na área de Enfermagem, atuando principalmente em Cardiologia, Saúde da Mulher, Adulto e Idoso e Processo de Enfermagem.
E-mail: liscia.divana@ufma.br

4 Doutora em Ciências da Saúde; Professora, Universidade Federal Fluminense – UFF. E-mail: ericabrandao@id.uff.br

5 Doutora em Biotecnologia; Professora, Universidade Federal do Maranhão – UFMA)
E-mail: patricia.azevedo@ufma.br

6 Doutor em Geografia; Professor da Graduação e Pós-graduação da Universidade Federal do Maranhão – UFMA.
E-mail: aquino.jose@ufma.br

Recebido em: 24 de Fevereiro de 2024

Avaliado em: 1 de Março de 2024

Aceito em: 25 de Junho de 2024



A autenticidade desse artigo pode ser conferida no site <https://periodicos.set.edu.br>

Copyright (c) 2024 Revista Interfaces Científicas - Humanas e Sociais



Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License.

